

Maurice Leblanc

Palavras de um crente

— Oh! — dizia d'Arjol —, o que é que vês nisso de tão extraordinário?

— Pois bem, e a mobilidade que ela nos dá? É óbvio que o homem não tem de se queixar do seu tamanho, nem da sua força, nem da envergadura do seu tórax, nem do desenvolvimento dos seus pulmões; mas compare o seu aparelho de locomoção ao dos animais, desde o leão e o veado até ao cão e à lebre. Que enorme inferioridade! O homem não corre, arrasta-se. Quando quer correr, bastam algumas centenas de metros para lhe cortar as pernas; é um mal original que impressionou sempre a imaginação dos povos ao supor que ele liberta os seres sobrenaturais, os deuses que atravessam o espaço de um salto, e o ogre que calça as botas das sete léguas. O cavalo, o camelo, a rena, as viaturas, o vapor, a electricidade são outros tantos paliativos que acentuam ainda mais a desgraça do homem, reduzido à condição de pacote, de encomenda, encerrado como um paralítico na pequena cabine das viaturas ou no caixão dos compartimentos.

E concluía, acaloradamente:

— Ora a bicicleta resolveu o problema. Remedeia a nossa lentidão e suprime a fadiga. O homem tem agora à disposição todos os meios. O vapor e a electricidade não passam de progressos que serviam o seu bem-estar. A bicicleta é um aperfeiçoamento do próprio corpo, quer dizer, o seu acabamento. É um par de pernas mais rápidas que lhe é oferecido. O homem e a máquina são um só. Não são dois seres dife-

rentes como o homem e o cavalo, dois instintos em oposição. Não, é um só ser, um autómato feito de uma só peça. Não há um homem e uma máquina. Há só um homem mais rápido.

Extraído de *Voici des ailes!*

Hinos e harmonias

Seguiam os dois campos fora, quando Pascal gritou:

— Sim, a nossa relação com a natureza está subvertida. Imagine dois homens numa grande estrada. Um anda; o outro desliza. A sua situação em relação à natureza será a mesma? Oh, não, de maneira nenhuma! Um só captará pequenas sensações de pormenor; o outro terá uma vasta sensação de conjunto. Quando caminhamos a pé, respiramos o perfume de uma planta, admiramos o matizado de uma flor, ouvimos o canto de um pássaro. Quando andamos de bicicleta, respiramos, admiramos e escutamos a própria natureza, porque o movimento produzido contrai ao máximo os nossos nervos e dota-nos de uma sensibilidade que até então não conhecíamos.

— Gosto — disse ela — da maneira como fala de tudo isso; e não é, confesso, por ligar muito ao sentido das suas palavras, mas a forma como as diz é tão convincente que, pouco a pouco, vou sentindo tudo o que sente.

Ele continuou:

— E depois não custa nada quando o resultado obtido corresponde exactamente ao esforço feito. Temos a alegria de receber em velocidade e em impressões o que dispensámos em energia e em ansiedade. Avançamos rapidamente porque somos fortes e ágeis, e vemos coisas belas porque somos capazes de as ir lá ver. Não há nisto razões para ficarmos orgulhosos e satisfeitos? Sim, satisfeitos, porque cada pedala que damos recebe uma recompensa imediata e magnífica. E enchemo-nos de júbilo por sermos objecto de uma perpétua justiça.

E ele repetiu:

— É isso, é isso mesmo, enchemo-nos de júbilo por sermos objecto de uma perpétua justiça.

Deslizavam entre a escolta imóvel de álamos simétricos, através das planícies cortadas por suaves vales onde elanguesciam preguiçosas ribeiras. O Sol banhava-se na água, na companhia dos pica-peixes e das alvéolas. O perfume que se sentia no ar provinha do feno, do trevo, da madressilva e do sabugueiro.

— Ah! Madeleine, já não resta nada do invólucro de vidro de que lhe falava uma noite destas. É a minha própria pele que choca com a vida exterior, são os meus sentidos que recebem os choques, e é o meu cérebro que vibra e que se emociona. Não sei nada da natureza, e não sou digno de a compreender visto que durante tanto tempo a desprezei, e, contudo, julgo que ela me envia ininterruptamente presentes e que não há obstáculo capaz de se opor à sua acção benfazeja. Não há um perfume, um ruído, mesmo desses que não oiço, não há nada à minha volta, disso tenho a certeza, que não se precipite em mim como as pequenas nascentes que se escoam para um abismo.

— Pascal — murmurou ela —, Pascal, parece que está a falar por mim, porque as suas palavras dizem tudo aquilo que sinto.

Sim, cada um deles não passava de uma massa sensível, delicada, vibrante, em que palpitava um turbilhão de sensações. E que sensações aquelas, apressadas, poderosas e inumeráveis! Ficamos engrandecidos e mais cheios com tudo o que vemos e com tudo o que admiramos; é uma febre eterna da juventude em que esta alcança um grau de acuidade extraordinária, que nos impregna de emoção e de bondade, e com vontade de abraçar todos os seres e todas as coisas. A memória e a inteligência ficam suspensas? Tanto melhor! Porque é a vida que surge dos reservatórios do nosso ser como uma água límpida que atinge os vasos febris. É a vida que toma conhecimento de si mesma, da sua força, da sua extensão, da sua profundidade. É a noção da vida que só aqui nos aparece frente a frente com a natureza como, por vezes, com menos elevação e menos nobreza, nos aparece frente a frente com o espírito no êxtase da arte, e frente a frente com a humanidade na comunhão dos sexos.

O espaço inebriava-os e as suas bocas balbuciavam frases ao acaso.

— Já não há desgosto, Madeleine, nem tristeza, nem rancores... há felicidade... eu estou feliz... e a Madeleine está feliz...

— Estou feliz, sim, muito, mais do que feliz.

Gritavam essa felicidade, tomando o céu por testemunha, levantando as cabeças como se precisassem da imensidade para conter o que havia dentro deles.

E seguiam, seguiam, ao longo das ribeiras, ao longo das colinas. De tempos a tempos, olhavam um para o outro e isso era infinitamente adorável.

*

Tinham um encontro em Saint-Lô. Mas, devido à hora tardia, julgaram mais conveniente parar numa estalagem e descansar um pouco. Quando retomaram o caminho, já era noite, uma noite imensa e sonora, iluminada por estrelas longínquas, e estremecendo de ruídos indistintos. Madeleine manteve um respeitoso silêncio e conservou os lábios cerrados. Mas, ao longo de uma subida, supondo a companheira um pouco cansada, Pascal pôs-lhe a mão no ombro e ela submeteu-se a este gesto de auxílio. Então, deslizaram, parecendo fantasmas, misturando as suas sombras como pássaros da noite que voassem lado a lado. Sentiam-se infinitamente felizes. Não tinham qualquer dúvida de que ambos se sentiam invadidos pela mesma beatitude, face à harmonia da noite que parecia apelar à harmonia das impressões. Só tinham um pensamento, só sentiam uma força. Não se distraíam com nada, nem com o barulho dos pés que feriam o chão, nem com o esforço das pernas, nem com os espectáculos invisíveis, julgavam-se transportados nos braços de um génio. A estrada subia e descia por encostas suaves e, na espécie de delírio em que a velocidade os lançava, talvez fossem capazes de jurar que era a terra que se dilatava e que se retraía, como um peito que palpita ao ritmo da respiração.

Sentiam-se inebriados. Era uma emoção estranha, uma bondade transbordante, e um sentimento de poder e de grandeza que cresciam dentro deles. Os seus braços abriam-se como para darem um abraço. A resistência que o ar oferecia dava-lhes a ilusão de qualquer coisa que vinha ao seu encontro e que lhes comprimia ternamente o peito. O sopro da brisa nos seus lábios parecia um inefável beijo de amor. Os suaves eflúvios da madressilva perturbavam-nos como se fossem carícias secretas.

E seguiam, seguiam. A loucura do movimento aturdiu-os. Sentiam-se seres sobrenaturais, dotados de novos meios e de poderes desco-

nhecidos, espécies de pássaros cujas asas roçavam a terra e cuja cabeça ardente planava até ao céu... A sua consciência desvanecia-se, dissolvia-se nas coisas. Tornavam-se parcelas da natureza, forças instintivas, como nuvens que deslizam, como vagas que rodopiam, como perfumes que flutuam, como ruídos que se repercutem...

Extraído de *Voici des ailes!*